

Grupo: AÇÃO DIRÉTA

Pedro Kropotkine

O GOVERNO REVOLUCIONARIO e OS DIREITOS POLITICOS

*A pescaria mais insignifi-
cante dos mares pode amargu-
rar a vida do maior so-
berano da terra.*

(Seculo XVI) — RABELAIS.

*Buscar a felicidade nesta
vida; nisso consiste o ver-
deiro espirito de revolta.*

IBSEN.



1908

Typ. A PUBLICIDADE

147, Rua do Diário de Noticias, 151

LISBOA



Amoroso e Santo

Grupo: AÇÃO DIRETA

♦♦♦♦

Pedro Kropotkine

O Governo revolucionario
e os
Direitos politicos

*A pescaria mais insignifi-
dos mares pôde amargurar
a vida do maior soberano
da terra.*

(Seculo XVI) — RABELAIS.

*Buscar a felicidade nesta
vida; nisso consiste o ver-
deiro espirito de revolta.*

IBSEN.



Composto e impresso na typographia
A PUBLICIDADE, rua do Diario de
Noticias, 147 a 151 — Lisboa.

EDITOR E PROPRIETARIO
Hilario Marques
1908

Shi

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

1934

Estado do Rio de Janeiro

GOVERNO REVOLUCIONÁRIO

1934

Directos políticos

1. O Poder Executivo é exercido pelo Governador do Estado, eleito pelo povo para um mandato de quatro anos, renovável por igual período.

2. O Poder Legislativo é exercido pelo Parlamento do Estado, composto de um Senado e uma Câmara dos Deputados, eleitos pelo povo para um mandato de quatro anos, renovável por igual período.

3. O Poder Judiciário é exercido pelo Supremo Tribunal do Estado, eleito pelo povo para um mandato de quatro anos, renovável por igual período.



Estado do Rio de Janeiro
Imprensa Oficial

IMPRESSÃO E DISTRIBUIÇÃO
DEBENEFICADA



O governo revolucionario

I

Que os governos ezistentes serão abolidos afim de que a liberdade, a egualdade e a fraternidade não sejam por mais tempo vãs palavras, senão realidades viventes; que todas as fórmãs de governo ensaiadas até então tem sido fórmãs de opressão e devem ser substituidas por novos métodos de organização, são cousas perfeitamente demonstradas para os que pensam desapaixonadamente e são por temperamento revolucionarios. Para dizer a verdade não se necessita ser grande inovador, para chegar áquella conclusão; os vícios dos governos ezistentes e a impossibilidade de os reformar, são demasiado patentes para que possam passar desaperecebidos a um observador imparcial. A idéa de acabar com os governos surge, falando em geral, em certos jornaes sem grandes dificuldades. Ha momentos em que os governos começam a desfazer as suas proprias obras, como castelos de cartas ante o impulso revolucionario dum povo. Tal se viu claramente em 1848 e 1870 em França.

O objéto final duma revolução da classe média é derrubar um governo. Para nós destruir um governo é só o começo da revolução social. Uma vez sem timoneiro o maquinismo do Estado, em desorganização.

a gerarquia burocratica que o sustenta e derrotado o ezercito dos defensores do capital, então é quando nós temos que realizar a grande obra de destruir as instituições que perpetuam a escravidão politica e economica. Assim se adquire a possibilidade de obrar, de atuar livremente. Que devem fazer os revolucionarios?

A esta questão só nós responderemos: *Não mais governos; o que devemos realizar é o principio anarquista. Todos os demais dizem: constituamos um governo revolucionario.* Os que tal dizem só diferem na fórmula que se deve dar ao governo chamado revolucionario. Alguns desejam que seja eleito pelo suffragio universal no Estado ou no municipio; outros querem a ditadura revolucionaria.

Um governo revolucionario! Eis aqui duas palavras que soam rudemente a todos os que sabem o que é a revolução social e o que significa o principio do governo, duas cousas que se contradizem, que se destróem. Temos visto bastantes governos despoticos, porque o despotismo é a essencia de todos os governos, porque se collocam sempre ao lado da reação e em frente da revolução; porém jámais temos visto um governo revolucionario, por uma razão muito simples. Porque a revolução, sinonimo de desordem, de destruição, de aniquilamento das mais venerandas instituições, em uns quantos dias de violenta demolição da propriedade estabelecida, da supressão de castas, da rapida transformação das idéas correntes de moralidade, ou melhor da hipocrisia que a substitue, de liberdade individual e ação espontanea, é a negação terminante, a opposição percisamente do governo, que por sua vez significa a ordem estabelecida, a conservação das instituições ezistentes, a negação da iniciativa e ação individuaes.

E sem duvida ouvimos constantemente falar desse mito branco, como se um governo revolucionario fosse a cousa mais natural do mundo, tão comum e tão conhecida como a monarchia, o imperio ou o papado.

Que os revolucionarios, ao serviço da classe média preguem tal idéa, é cousa facil de comprehender; pois já sabemos o que eles entendem por revolução. Tudo se reduz a remêdo de republica burguezia e á posse dos empregos lucrativos, antes, reservados aos monarquicos.

Quando muito, implica a separação da Igreja do Estado e por compensação o concubinato de arcos, á confiscação dos bens eclesiasticos, em beneficio do Estado, e sobre tudo em beneficio dos futuros administradores da riqueza publica. Porém que os socialistas revolucionarios se convertam em apóstolos de aquella idéa, só se póde esplicar de dois modos: ou os que a aceitam estão embuidos pelos prejuizos da classe média, que bebem inconscientemente da literatura e sobretudo da historia escrita por aquella classe com o espirito de servidão legado por muitos seculos de escravidão, e portanto não podem imaginar a possibilidade de serem verdadeiramente livres, ou não desejam semelhante revolução, ainda que tenham esta palavra constantemente nos labios, e querem, ou contentam-se, em resumo com uma simples imitação das atuaes instituições com a condição de gosar do poder e acharem-se mais tarde preparados para amordaçar o povo tão depressa como seja preciso. Estes ultimos combatem hoje os governos porque não podem ocupar o seu logar.

Não discutiremos com taes gentes; nós só podemos fazel-o com os que honradamente sustentam uma opinião.

Começaremos pela primeira das duas fórmulas de governo revolucionario, isto é pelo governo de eleição popular.

Suponhamos destruida a autoridade, monarchica ou republicana, e vencido o ezercito dos defensores do capital; a agitação estende-se por toda a parte e todo o mundo se ocupa dos negocios publicos; ninguém quer ficar atraz; ha um vivo desejo de marchar adeantê. Surgem novas idéas e comprehende-se a

necessidade de operar mudanças profundas, sérias e decisivas. É preciso obrar, começar sem demora o trabalho de demolição afim de deixar o caminho desembaraçado á nova vida. Porém, que se trata de fazer? Convocar o povo a eleições, eleger um governo imediatamente e depois confiar-lhe o trabalho que todos e cada um de nós deveria realizar por sua própria iniciativa!

Isto é o que fez Paris depois do 18 de Março de 1871. «Eu sempre recordarei, diz um amigo nosso, aqueles instantes belissimos de emancipação. Sai de minha casa para assistir ás reuniões ao ar livre que ocupavam Paris dum ao outro extremo. Cada um discutia os negocios publicos, toda a prevenção pessoal tinha sido esquecida, ninguem se ocupava de comprar e vender, todos se achavam dispostos para marchar em corpo e alma para o futuro. Alguns capitalistas, levados do entusiasmo geral, saudaram com prazer o comêço duma nova existencia. *Se temos que fazer a revolução social, diziam, façamol-a quanto antes; ponhamos tudo em comum, nós estamos dispostos.* Ali estavam os elementos da revolução; tudo o que havia que fazer surgiu da ação popular. Quando á noite voltei a minha casa disse: *Depois de tudo a humanidade é grande! Nós não o compreendemos; tem sido sempre caluniada!* Então chegaram as eleições, nomearam-se os membros da Comuna e o poder do entusiasmo, o zelo pela ação foi-se estinguindo pouco a pouco.

Cada qual voltou ás suas fainas diarias, dizendo: *Agora já temos um governo honrado; deixemol-o obrar*». Já sabemos o que se passou depois.

Em lugar de obrar por si, em vez de marchar sempre ávante, em vez de entrar por completo em uma nova ordem de cousas, o povo, confiado no seu governo, abandonou toda a iniciativa. Essa foi a primeira consequencia, o resultado das eleições. Que faria um governo investido com a confiança de todos?

Jámais houve eleições mais livres do que as de março de 1871. Os mesmos adversarios da Comuna

o tem reconhecido. Jámais o corpo eleitoral se sentiu mais fortemente impulsionado pelo desejo de colocar os melhores homens no poder, os homens do futuro, os revolucionarios. E isto foi o que succedeu. Todos os revolucionarios de renome foram eleitos por formidavel maioria; jacobinos, blanquistas, internacionalistas, as trez facções revolucionarias estiveram representadas no conselho comunal.

Impossivel que eleição alguma produza um governo melhor.

Já conhecemos os resultados. Encerrados no Hotel de Ville com instruções para obrar de acordo com as fórmulas estabelecidas por governos anteriores; aqueles ardentes revolucionarios, aqueles reformadores acharam-se impossibilitados de fazer alguma coisa boa, alguma coisa de proveito. Com toda a sua boa vontade e todo o seu valor nem mesmo souberam organizar a defeza de Paris.

Certo que hoje torna-se a culpa aos homens, aos individuos, porém não foram estes a causa daquela catástrofe, senão o método applicado.

De feito, o sufragio universal quando é livre póde quando muito produzir uma assembléa que represente as correntes de opinião entre o povo em um dado momento, e isto nos comêços de uma revolução é geralmente uma vaga idéa, porém muito vaga, do que ha que fazer, se se tem em conta *como* se tem de fazel-o. Ah! se a maioria da nação ou do municipio fosse capaz de compreender antes do movimento o que deveria fazer tão depressa como fôra derrubado o governo! Se este sonho dos utopistas podesse ser realisado, nunca se teriam feito revoluções sangrentas; a vontade da maioria da nação uma vez manifestada, bastaria para que fosse acatada de bom grado. Porém não é assim como as cousas succedem.

É possivel que a revolução surja sem um conhecimento prévio geral, e os que teem uma idéa clara do que devem fazer, no dia seguinte ao da insurreição, compõem hoje uma pequena minoria. A massa do povo só tem uma idéa geral do que desejaria

vêr realisado, sem saber como tem de obrar para conseguir os seus fins, sem ter consciencia ezata do caminho que tem que recorrer. A solução pratica só se encontra, só chega a ser patente e clara quando a mudança de cousas já tem começado; será o produto da mesma revolução e da ação popular ou não será nada.

A intelligencia duns quantos é absolutamente incapaz de achar aquelas soluções que sómente podem surgir da vida geral do povo.

Tal é a situação que se reflete nas corporações eleitas pelo sufragio ainda naquelas que não tem todos os vicios inherentes aos governos representativos em geral. O pequeno numero de homens que representam a idéa revolucionaria da época veem-se coíbidos ou pelos representantes das escólas revolucionarias do passado ou pelos da ordem de cousas ezistentes. Estes homens cuja presença no meio do povo é tão necessaria, precisamente nos dias de revolta, afim de difundir as suas idéas, pôr as massas em movimento e demolir prontamente as instituições caducas do passado, veem-se obrigados a deterem-se em um salão qualquer a discutir, em uma maior estenção da que imaginam, para arrancar aos moderados algumas concessões ou para convencer os ronceiros, sem compreenderem que só ha um meio de fazer aceitaveis as novas idéas, que é pôl-as imediatamente em pratica. O governo converte-se assim ao parlamentarismo com todos os seus vicios, e longe de ser um governo revolucionario troca-se no maior obstaculo da revolução, pelo que o povo se vê imediatamente impellido a depôr os seus eleitos do dia anterior. Para este ultimo já não é facil a tarefa. O novo governo sente-se chamado a organizar por completo uma nova administração e a ditar regras para se fazer obedecer e não pôde de modo algum mostrar-se benevolo com os novos desejos do povo. Ancioso de se manter no poder, reveste-se de toda a força de que é capaz uma instituição que não tem tido tempo de cair em senil decomposição. Re-

corda-se então de opôr força á força e só ha um meio de o destruir: pegar em armas e fazer outra vez a revolução afim de anular aqueles mesmos em quem o povo depositava todas as esperanças.

Neste ponto os elementos revolucionarios dividem-se. Depois de terem perdido um tempo precioso em vir a um acordo com os adversarios, chega o momento em que se perde a energia por dissensões internas entre amigos do novo governo e os que sentem necessidade de eliminá-lo para continuar a obra revolucionaria.

E tudo isto sem se ter compreendido que uma nova vida requer novos métodos, que não é apegando-se ás antigas fórmulas que se faz uma revolução.

Tudo por não compreender a incompatibilidade do governo com a revolução, pois em qualquer fórmula que se apresente um é sempre a negação terminante da outra, e fóra do principio anarquista não ha revolução possível!

É precisamente o mesmo que acontece com outra fórmula de governo revolucionario pela qual se declama muito, a ditadura revolucionaria.

II

Os perigos a que uma revolução está espósta, se tem de ir seguida da direção dum governo de eleição popular, são tão evidentes, que uma escola inteira de revolucionarios tem renunciado áquella idéa. Entendem os ditos revolucionarios que é impossível que um povo insurreccionado se lhe dê por meio do sufragio universal, um governo que não represente o passado e que não áte de pés e mãos o povo precisamente nos momentos em que é mais necessario levar a cabo o imenso trabalho de regeneração economica, politica e moral que nós designamos com o nome de Revolução Social. Rechaçam, pois, a idéa dum governo *legal*, pelo menos durante o tempo que dure a luta contra a legalidade, e invocam a Ditadura revolucionaria.

«O partido, dizem, que logra derrubar um governo deve ocupar o seu posto pela fôrça. Deve, portanto, apoderar-se do Estado e proceder revolucionariamente; tomar as medidas necessarias para assegurar o triunfo do levantamento e demolir as antigas instituições a par que organise a defeza do paiz. E para os que não reconheçam o seu poder, sua autoridade, não deve haver mais que a guilhotina; para os que, capitalistas ou trabalhadores, recusem obedecer ás ordens que dite afim de regular o progresso da revolução, tambem a guilhotina e sempre a guilhotina».

Tal é a logica dos Robespierres em embrião, dos que só se recordam das ultimas cênas do grande drama do seculo passado.

Para nós que somos anarquistas, a ditadura de um individuo ou de um partido—no fundo são uma e a mesma cousa—tem sido definitivamente sob-julgada. Sabemos que uma Revolução Social não pode ser dirigida nem por um só homem nem por uma só organização; sabemos que revolução e governo são incompatíveis, que uma precisa aniquilar o outro não importa o nome que se dê ao governo, ditadura, parlamentarismo ou monarquia; sabemos finalmente que a fôrça e o valor do nosso partido consiste nesta formula fundamental: *Nada bom e duradouro se pôde fazer como não seja pela iniciativa do povo e toda a autoridade tende a matal-a*. Esta é a razão porque os melhores entre nós chegariam a ser considerados infames em menos de uma semana se as suas idéas não passassem pelo crisol do povo afim de as pôr em ezeução e se convertessem em diretores dêssa formidavel maquina que se chama governo, impossibilitando-se de obrar conforme á sua vontade.

A ditadura, ainda a melhor intencionada, conduz á morte da revolução. E todavia mais, a idéa da ditadura é sempre um produto insano do fetichismo governamental que juntamente com o fetichismo religioso tem perpetuado a escravidão. Eis aqui o que não esquecemos os anarquistas.

Porém não vamos a falar hoje destes. Falemos dos

que, entre os revolucionarios governamentaes, influidos pelos prejuizos de sua educação, pensam honradamente e não desejam mais que se discuta a sua attitude e falemos deles desde seus mesmos pontos de vista. Ante tudo permita-se-nos fazer uma observação geral.

Os que proclamam a necessidade da ditadura não comprehendem geralmente que ao sustentar aquele prejuizo não fazem mais que preparar o terreno para o que mais tarde tem de leval-os á forca ou á guilhotina. Esta é uma das afirmações de Robespierre que os seus admiradores faziam bem não esquecer. Não negava aquele a ditadura em principio, porém *não esqueaes as minhas palavras, dizia em uma ocasião, Brissot será ditador*. Se, Brissot, o meliante girondino, o inimigo mortal da tendencia equalitaria popular, o miseravel defensor da propriedade depois de ter dito que era um roubo, Brissot teria escrito com grande prazer no registro de presos de *L'Abbadie Prisão* os nomes de Marat, de Hebert e de todos os jacobinos moderados.

Porém essa referencia, dizeis, data de 1792! Naquela época a França levava já trez anos de revolução permanente! De feito, a realza havia sido estirpada, só faltava dar-lhe o ultimo golpe, e certamente foi abolido o *regimen* feudal. Sem embargo, ainda neste periodo, quando a onda revolucionaria se estendia livremente, foi quando teve muitas probabilidades de ser proclamado ditador o reacionario Brissot. E em 1789? Mirabeau, o grande orador, que havia sido reconhecido chefe supremo, o homem que pactuou com o rei vendendo-lhe a sua eloquencia! Esses, esses são os homens que teriam sido elevados ao poder naquele periodo, se o povo insurreccionado não tivesse permanecido fiel ao seu intento de tornar illusorio todo o poder constituido tanto em Paris como nos departamentos.

Porém o prejuizo governamental cega de tal modo os que defendem a ditadura que preferem preparar a de um Brissot ou um Napoleão antes que renunciar

á idéa de dar um novo amo ao povo no momento em que vê partir as suas cadeias.

As sociedades secretas do periodo da Restauração e de Luiz Filipe tem contribuido poderosamente para sustentar o prejuizo da ditadura. Os republicanos da classe média, ajudados pelo povo, fizeram então uma imensidade de conspirações para derrubar a monarquia e implantar a republica. Não tinham em conta a imensa transformação que se havia operado em França e imaginavam que por meio duma vasta conspiração poderiam em uns quantos dias apear o rei, tomar posse do poder e proclamar a republica. Perto de trinta anos levaram trabalhando aquellas sociedades secretas, com perseverança e valor heroico. Se a republica resultou perfeitamente natural da revolução de fevereiro de 1848 foi devido áquelas sociedades, á sua propaganda contínua. Sem seus nobres esforços ainda agora seria impossivel a republica.

Seus fins eram então tomar posse do governo e instalar os representantes das suas idéas no poder, constituindo uma ditadura republicana. Porém, como poderia supôr-se, nada disso succedeu. Como sempre a conspiração não desterrou a realeza; é o resultado inevitavel das condições em que as cousas ezistem.

Os conspiradores preparam a quéda. Haviam difundido sabiamente as idéas republicanas. Seus martires mostraram ao povo o seu ideal. Porém o ultimo esforço, o que acabou definitivamente com a monarquia burgueza, foi muito mais poderoso, muito maior que o que poderia produzir uma sociedade secreta, esse esforço colossal surgiu da massa total do povo.

Todos conhecemos as consequencias. O partido que tinha preparado a quéda da monarquia foi expulso do Hotel de Ville. Outros, que foram demasiado prudentes para correr os riscos duma conspiração, porém mais conhecidos e tambem mais moderados, esperando o momento de se apoderarem do poder, ocuparam o lugar que os conspiradores

tinham pensado conquistar ao estrondo formidável dos seus canhões. Alguns jornalistas e advogados, oradores eloquentes, que tinham estado trabalhando para crearem nome enquanto os verdadeiros republicanos preparavam as armas para o combate ou jaziam nas prisões.

Alguns, também muito conhecidos, foram aclamados pela multidão; outros finalmente, impeliram se a si mesmos, avançaram alguma coisa e foram aceites só porque os seus nomes representavam um programa acomodado a todo o mundo.

Que não se nos diga que isto foi devido á necessidade do pensamento pratico dum ramo do partido de ação e que os outros procederam melhor.

Não, mil vezes não. É uma lei como a que rege os movimentos dos astros, que o partido de ação permaneça distanciado, enquanto os intrigantes e os charlatães ocupam o governo. Estes são mais conhecidos da massa que dá o ultimo impulso. Alcançam maior numero de votos com ou sem listas electoraes, por aclamação ou mediante a urna eleitoral, que de resto é sempre um modo de eleição tacita a aclamação popular em um momento determinado. São também escolhidos por todo o mundo, especialmente pelos inimigos da revolução, que preferem elevar os que nada fazem, e assim são aclamados como chefes os inimigos do movimento ou os que são indifferentes ao seu triumpho.

O homem que mais que nenhum outro encarnou este sistema de conspiração, o homem que pagou com a prisão um e outro dia o seu entusiasmo por aquella idéa, Blanqui, arrojou aos quatro ventos antes da sua morte estas palavras, que em si mesmas são todo um programa: *Nem deus nem amo.*

III

Supôr que um governo qualquer póde ser derrubado por uma sociedade secreta e que esta póde

substituir aquele, é um erro no qual tem incorrido todas as organizações revolucionarias que teem tido a sua origem na classe média republicana de França desde 1820. Porém ha outros ezemplos que demonstram plenamente a nossa tése. Quanto entusiasmo, quanta abnegação, quanta perseverança temos visto dispendêr ás sociedades secretas republicanas da joven Italia!

E não obstante todo aquele imenso trabalho, todos os sacrificios feitos pela juventude italiana, ante os quaes empalidece a obra da juventude russa, o mesmo montão de cadaveres sachinados nas fortalezas da Austria depois de terem caído debaixo do cutélo ou da força do verdugo, a obra das sociedades secretas teve por sucessores e herdeiros a miseravel classe média e a realeza.

Outro tanto tem ocorrido na Russia. É difficil achar na historia uma organização secreta que com tão limitados meios tenha obtido melhores resultados que os que obteve a juventude russa, juventude que tem dado provas duma energia e dum va'ôr tão poderosos como os do Comité Ezeutivo. Ela fez cair o poder dos czares—esse colosso invulneravel—e fez impossivel na Russia o governo autocratico. Sem embargo serão muito estupidos os que julguem que o Comité Ezeutivo será o dono do poder no dia seguinte áquele em que a coroa de Alexandre III seja atirada ao rio.

Outros homens que se reputam prudentes, os que se preocupam em crear reputação, emquanto os revolucionarios cavam as suas proprias sepulturas e perecem na Siberia; outros, os intrigantes, os charlatães, os letrados, os jornalistas, aqueles que de vez em quando vertem uma lagrima fugaz nas sepulturas dos heroes e se confundem com os amigos do povo, esses são os que occuparão o poder deixando a traz de si os desconhecidos que prepararam a revolução. Isto é inevitavel, é fatal e não pode ser de outro modo. Não são as sociedades secretas nem as organizações revolucionarias as que dão o ultimo golpe nos gover-

nos. A função ou missão daquelas é preparar o espirito popular para a revolução e quando as inteligencias estão dispostas e as mais condições são favoraveis, sobrevem o ultimo esforço, não precisamente do grupo iniciador senão da massa geral alheia á sociedade ou organização revolucionaria.

Em 31 de agosto de 1870, Paris foi indiferente ao chamamento de Blanqui. Quatro dias depois proclamava-se a queda do governo. Porém então já não foram os blanquistas os primeiros a promover o levantamento; foi o povo, a multidão, a que destronou o homem de dezembro e proclamou aqueles cujos nomes haviam soado em seus ouvidos dois anos antes.

Quando a revolução está pronta a estalar, quando o movimento está, por assim dizer, no ambiente, quando o triunfo chega a ser indubitavel, então mil homens novos, sobre os quaes as sociedades secretas não teem tido influencia alguma diréta, tomam parte no movimento como aves de rapina que acodem ao campo da batalha para levarem os despojos das vitimas. Esta inesperada cooperação é a que dá o golpe de misericordia. Elegem os seus dirétores não de entre os conspiradores sinceros e irreconciliaveis, senão de entre os *bull-dogs* tanto mais quanto estão influidos pela idéa da necessidade dum chefe.

Os conspiradores que sustentam o prejuizo da ditadura, trabalham por tanto inconcientemente para que seus inimigos ocupem o poder. Porém se o que deixamos dito é uma verdade emquanto se refere aos revolucionarios politicos, é-o ainda mais para os que aspiramos a uma revolução mais profunda, a Revolução Social. Promover o estabelecimento dum governo qualquer, uma autoridade forte, obdecida pelas massas, equivale a impedir e estorvar o progresso da revolução. Nada de bom pode fazer um tal governo, emquanto que pode causar imensos prejuizo.

De feito, que é o que desejamos? que entendemos por Revolução? Não é certamente uma simples troca

de governantes. E' a completa posse do povo a toda a riqueza social. E' a abolição de todas as autoridades que paralisam e conteem o desenvolvimento da humanidade. Porém, é por meio de decretos como se pode realizar esta imensa revolução economica? Temos visto durante o ultimo seculo o ditador revolucionario polaco Kosciusko, decretar a abolição da escravidão pessoal; porém a escravidão ezistia ainda oitenta anos depois de publicado o decreto ¹. Tambem temos visto a Convenção franceza, a Convenção toda poderosa, a Terrivel Convenção, como dizem seus admiradores, decretar a divisão geral de todas as terras comunaes arrancadas á aristocracia. Como muitos, este decreto foi letra morta, porque para o pôr em ezeução os proprietarios do campo teriam que fazer uma nova revolução e as revoluções não se fazem publicando decretos. Assim para que a posse da riqueza pelo povo chegue a ser um facto real, é necessario que o povo possa obrar livremente que se emancipe do espirito de servidão a que está tão habituado, que opere em virtude da sua propria iniciativa, avançando sempre sem esperar por ninguém. Não só, pois, rechaça este a ditadura ainda a melhor inspirada, senão tambem que é incapaz de ajudar á revolução no mais pequeno detalhe.

Mas se um governo, ainda que seja ideal e revolucionario, não dá nenhuma força nem oferece vantagem alguma para a obra de destruição que proseguimos, todavia oferece menos garantias para a reorganisação que tem de seguir necessariamente o movimento revolucionario. A mudança economica que tem de resultar da Revolução Social será tamanha e tão profunda, alterará de tal modo as relações baseadas hoje na propriedade e a troca, que é impossivel que um ou varios individuos elaborem as formas sociaes que se teem de produzir no futuro.

¹ Este decreto foi resolvido a 8 de maio de 1794 e publicado a 30 do mesmo mez e ano. Se tivesse sido levado a efeito teria de facto abolido a escravatura pessoal.

Esta elaboração só pôde ser eféтуada pelo trabalho das massas em geral. Para satisfazer a imensa variedade de condições e necessidades que hão de surgir no momento em que seja abolida a propriedade individual, necessita-se toda a flexibilidade do talento do paiz; só a autoridade esterna constituiria um perigo para este trabalho organico que devemos realizar e, o que é peor, seria um motivo de discordia e luta permanente. E, por tanto, tempo de abandonar essa ilusão de governo revolucionario cuja falsidade se tem demonstrado tantas vezes na pratica e que tão cara temos pago. É, já tempo de que admitamos o axioma de que nenhum governo pode ser revolucionario. Recordemo-nos da Convenção, sem esquecer que as poucas medidas que tiveram carater revolucionario não foram mais que a sanção de atos já realizados pelo povo, que marchava então á frente de todos os governos.

Como Victor Hugo disse no seu pitoresco estilo, Danton impelia Robespierre, Marat vigiou e impeliu Danton e Marat mesmo foi impellido por sua vez por Cimoudain, a personificação dos clubs dos *loucos* e dos rebeldes. Como todos os governos que a precederam ou a seguiram, a Convenção só foi um enorme pêso atado aos pés do povo.

Os factos que nos mostra a historia são concludentes a este respeito; a impossibilidade dum governo revolucionario e a inutilidade do que por tal se tem, são tão evidentes que é impossivel explicar a tenacidade com que uma escola que se denomina socialista mantém a necessidade dum governo. Porém a esplicação é muito sensivel. É, que os socia listas, como eles mesmos se apelidam, tem da Revolução uma idéa diversa da por nós professada. Para eles, o mesmo que para todos os radicaes da classe média, a Revolução Social é um negocio do futuro, muito longe de ser realizado hoje. O que pensam na realidade, o que sentem no fundo é uma coisa muito diferente, o estabelecimento dum governo como o da Suissa e o dos

Estados- Unidos com o aditamento na apropriação pelo Estado do que engenhosamente chamam *serviços publicos*. É uma ponte entre o ideal de Bismarck e o dos trabalhadores que esperam elevar-se á dignidade de presidente da Republica Norteamericana.

É um compromisso feito de ante-mão entre as aspirações socialistas das massas e a avareza da classe média. Quizeram, sim, a espropriação completa, porém não tendo valor para a intentar, destinam-na a futuros seculos e antes de começar a luta entram em negociações com o inimigo.

Para nós, que entendemos que os momentos são precisos para dar á classe capitalista um golpe mortal, que não se fará esperar o dia em que o povo ponha a mão sobre toda a riqueza social reduzindo a classe espoliadora á impotencia, para nós, digo, não ha duvida possivel. Nós votamo-nos de corpo e alma á Revolução Social e como qualquer programa de governo, tenha o nome que tiver, é um obstaculo á revolução, faremos ineficazes e baniremos todas as ambições individuaes daqueles que pretendem erigirem-se em legisladores do nosso destino. Basta, pois, de governos; passagem livre ao povo, passagem franca á Anarquia!

Direitos politicos

Liberdade de imprensa e de reunião, inviolabilidade do domicilio e do resto só são respeitadas se o povo as não usa contra os privilegiados. Mas, quando começa a empregal-as para derrubar esses privilegiados, então, todas essas pseudo-liberdades são postas de lado. E é natural. O homem não tem outros direitos além dos que conquista á viva força e que

está pronto a defender a todo o momento com as armas na mão.

Se não se açoitam homens e mulheres pelas ruas de Paris como em Odessa e em Lisboa, é porque no dia em que o governo a tanto se atravesse, o povo faria em bocados os ezeutores. Se um fidalgo já não abre caminho na rua a bastonadas para um lado e para o outro, é porque os creados do senhõr que tivessem semelhante atrevimento, não o teriam segunda vez. Se ezistisse certa egualdade entre o operario e o patrão na praça e nos estabelecimentos publicos, é porque o operario, graças ás passadas revoluções tem um sentido de dignidade pessoal que não lhe deixaria sofrer a ofensa do patrão — e não porque os seus direitos estejam inscritos na lei.

Claro que na sociedade actual, dividida em amos e servos, não pode haver a verdadeira liberdade, nem poderá ezistir em quanto houver exploradores e explorados, governadores e governados. Isto não quer dizer que até ao dia da demolição das distincções sociaes, desejamos vêr a imprensa amordaçada, como na Alemanha; o direito de reunião anulado, como na Russia, e a inviolabilidade pessoal reduzida ao que é na Turquia. Embora escravos do capital queremos escrever e publicar o que muito bem nos parecer; queremos reunirmo-nos e organizarmo-nos como nos agradar — precisamente para sacudir o *jugo do capital*.

Mas é tempo de comprehender que não é ás leis constitucionaes que se devem pedir esses direitos. Não é numa lei — num pedaço de papel, que se pode rasgar ao menor capricho dos governantes — que acharemos a garantia desses direitos. É só, constituindo-nos como força, capaz de impor vontades, que conseguiremos fazer respeitar liberdades.

Queremos a liberdade de dizer e de escrever o que nos parecer?

Queremos o direito de nos unirmos? Não é ao parlamento que devemos pedir licença para isso; não é uma lei que devemos mendigar ao Senado. Seja-

mos uma força organizada capaz de mostrar os dentes todas as vezes que a um homem lhe dêr na cabeça para restringir o nosso direito de palavra e de reunião; sejamos fortes e poderemos ficar certos que ninguém ousará disputar-nos o direito de falar, de escrever e de reunir. Quando se estabelecer um acordo entre todos os explorados é que se poderá sair á rua com força suficiente em defeza dos nossos direitos; ninguém negará nem estes nem outros que soubermos reivindicar. Então, mas então sómente, teremos conquistado os direitos que poderíamos mendigar em vão, durante dezenas e dezenas de anos á camara; então estes direitos ser-nos-ão garantidos dum modo muito mais seguro do que se fossem escritos de novo em farrapos de papel.

As liberdades não se concedem; tomam-se.

AOS CAMARADAS

Este trabalho de propaganda, foi já publicado em Portugal, após a tentativa revolucionaria de 1891, dizendo o seu traductor :

«O nosso meio social, que de resto, em um sentido, é egual ao de todos os outros paizes, convida-nos a escolher este trabalho de preferencia a qualquer outro. A quem quer, que embora de leve, lance a vista em volta de si e conjuntamente de todos os elementos que o rodeiam, não pôde negar que se vive em um periodo de lenta e quasi surda fermentação revolucionaria. Qual será a fôrma pratica dêsse movimento de fermentação? Cada elemento tem o seu ponto de vista. Será, absolutista, segundo a ressurreição do velho partido absolutista. Será uma arregação mais profunda da atual monarchia, segundo a concentração dos seus partidarios. Será republicana, segundo a vontade e ponto de vista dos republicanos sem organização. Será aquilo que a vontade e orientação popular lhe imprimir no momento definitivo, pensamos nós».

PUBLICAÇÕES RECOMENDÁVEIS

Do grupo: "AÇÃO DIRETA

E. MALATESTA.	Em tempo de eleições	(esgotado)
C. DE LISLE.	A propriedade e o socialismo	20 réis
P. KROPOTKINE.	O governo revolucionario e os direitos políticos	20 "

De outras bibliotecas

E. ZOLA.	Verdade	1000 "
"	O trabalho	700 "
"	Germinal	600 "
S. MENDES.	Socialismo libertario ou anarquismo	600 "
E. RECLUS.	Evolução e revolução	400 "
P. KROPOTKINE.	Em volta d'uma vida	700 "
"	Um seculo de expectativa	50 "
A. HAMON.	Determinismo e responsabilidade	300 "
H. SALGADO.	As mentiras religiosas	300 "
F. BOUTÉT.	As victimas (drama)	150 "
M. ASSUNÇÃO.	O infanticidio (drama)	150 "
S. GUSTAVO.	A mulher	100 "
M. TALEIRAND.	Carta a Pio VII	100 "
T. BRAGA.	O Judeu (mártir da inquisição)	100 "
MALVERT.	Resumo da Historia das religiões	50 "
* * *	O catecismo moderno	50 "
P. GORI.	A anarquia perante os tribunaes	60 "
J. PRAT.	As mulheres	50 "
E. S. R. T.	A greve geral	50 "
PÍ Y MARGALL.	Razão e cristianismo	30 "
B. BÉTENECOURT.	O catecismo ateu	30 "
J. MÓST.	A peste religiosa	20 "
L. BULFFL.	A greve de ventres	20 "
RECLUS-GUYOU.	A anarquia e a igreja	10 "
NÓS.	A canalha (refutação a uns sabios)	200 "
P. QUARTIN.	Mocidade, vivei!	100 "

Toda a correspondencia e pedidos, podem ser dirigidos para:

Hilario Marques — Caes

LISBOA — PORTUGA

AHS

4043

Shi